

Eugénio de Andrade

OS AFLUENTES
DO SILÊNCIO

prefácio de
João de Mancelos

ASSÍRIO & ALVIM

Como Mallarmé, também eu poderia dizer: Eis um livro como aqueles de que não gosto. E não só pelas razões que o poeta refere à frente das suas Divagations para não gostar de livros assim, esparsos e privados de arquitectura, mas por outra ainda não menos grave a meus olhos: a de não ter sabido distinguir, na maioria destes escritos, a fronteira entre prosa e poesia. Será que ninguém pode fechar os ouvidos às suas vozes mais profundas?

CAMÕES E AS ALTAS TORRES

De Camões, em pura verdade, muito pouco sabemos. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu mais pobre ainda (se não miseravelmente), ele, que amontoou bens que milhares e milhares de homens não têm chegado para delapidar. E será difícil exaurir tão fabulosa fortuna. Porque — quem o duvida? — foi Camões que deu à nossa língua este aprumo de vime branco, este juvenil ressoar de abelhas, esta graça súbita e felina, esta modulação de vagas sucessivas e altas, este mel corrosivo da melancolia. Daí ser raro o verso português digno de tal nome que as águas camonianas não tenham molhado de luz, desde as mais ásperas das suas consoantes às suas vogais mais brandas.

Fora do nosso coração, não sabemos onde Camões nasceu: nem o ano nem o dia em que saiu da «materna sepultura» para o primeiro amanhecer. Como não sabemos onde estudou ou quem lhe ensinou o muito que sabia. Nem isso importa. Nalgumas linhas da sua poesia, e sobretudo nas poucas cartas que indubitavelmente são dele, pode ler-se que, como português, encarnou até à medula toda a nossa condição: pobreza, vagabundagem, cadeia, desterro. «Erros», «má fortuna», e «amor ardente» se conjuraram para fazer daquele alto espírito do maneirismo europeu uma das figuras mais

desgraçadas da via-sacra nacional. Por «erros», talvez se possa entender um cristianíssimo arrependimento daquele marialvismo da sua juventude; a «má fortuna» não pode ter sido senão a de ter vivido num tempo em que Portugal, além de ser uma «casa sem luz em matéria de instrução», se preparava faticamente para abandonar todas as suas guitarras nos campos de Alcácer Quibir; quanto ao «amor ardente» — não foi o próprio Camões que se mostrou dividido entre o límpido apelo dos sentidos e toda uma platonizante teoria de amor bebida em Petrarca e Santo Agostinho?

Não sabemos também quem o poeta tenha amado, para lá das anónimas «ninfas de água doce» do *Mal-Cozinhado* e outros bordéis de Lisboa. Mas que tais «ninfas» tiveram na sua vida importância, ninguém pode duvidar. As cartas de Camões, e como fonte da sua vida privada nada temos mais seguro, além de nos darem notícia do seu espírito arruaceiro, quase não falam noutra coisa. Que a sua poesia só muito raramente tem a ver com os «pagodes» de Alfama é óbvio, mas dali deve ter partido algumas vezes para, depois de metamorfoses várias, voar muito alto, como sempre aconteceu, particularmente em herdeiros da *cortezia* e do *dolce stil nuovo*. Porque a verdade é que nenhuma poesia portuguesa partiu tanto dos sentidos para tanto se desprender deles, como a de Camões. Talvez Aquilino tenha razão: Camões deve realmente ter saboreado com o corpo todo as coisas boas, defesas ou permitidas da vida, mas teremos de acrescentar que nenhum outro poeta foi capaz de se erguer tão alto ao

céu platónico das ideias, e tão pungentemente meditar sobre as «mudanças» a que *todo o amor* está sujeito, ou tão dramaticamente arrancar do «abismo infernal de (seu) tormento» a transparência de um canto dilacerado por uma lúcida consciência de desamparo e desconcerto. E não me venham com maniqueísmos: «damas da corte» de um lado, e do outro «damas de aluguer» — o amor ergue os seres ao horizonte da dignidade, e Camões, ou quem quer que seja, se na verdade amou, nunca fez outra coisa.

Se não estou em erro, foi António Sérgio quem mais incisivamente trouxe o lirismo camoniano para a esfera do neoplatonismo, e sublinhou, além de preocupações religiosas e morais, a raiz metafísica da sua poesia amorosa. Ao pôr-se o acento sobre o carácter intelectual desta poesia, procurava-se corrigir uma ideia bastante corrente de que o poeta seria predominantemente sensorial, antimetafísico, e não sei que mais. Claro que Camões, como homem, *medida de todas as coisas*, foi um e outro, porque nada impede que a música de uma natureza mesmo profundamente sensual, mas de eminente capacidade visionária, possa subir às mais altas torres; que se saiba não há incompatibilidade nenhuma entre o estar-se eroticamente «a prisões baixas atado» e ter no «alto pensamento» a sua naturalíssima complementaridade.

Afinal este homem que deixou fama de desabusado, este pobre soldado raso que regressa de Ceuta a «manqueja(r) de um olho» (para o dizermos com terríveis palavras suas), que serviu na Índia durante cerca de três lustros sem sequer ter

ganho para as passagens de regresso à pátria, este homem que, segundo um dos seus primeiros biógrafos, ao morrer não tinha um lençol para mortalha, estava destinado a consolidar a Hierarquia com o seu Canto — supremo ressoar das águas de todos os nossos mares e de todos os nossos olhos.

ÍNDICE DOS TEXTOS

Camões e as Altas Torres	27
Quem Celebra Quem?	31
Sobre Camilo	33
António Nobre, de Passagem.....	35
Camilo Pessanha, o Mestre.....	37
Quase Uma Glosa	41
Imagem de Pascoaes	45
Ainda Pascoaes	55
Entre Lírio e Donzela.....	59
Sobre o Orpheu.....	65
Encontro com Fernando Pessoa	67
Encontro e Desencontro com António Botto	75
Nota Breve sobre Jorge de Sena.....	83
Na Morte de Carlos de Oliveira	85
Palavras Menores para Um Escritor Maior	87
<i>El Fin Del Alma Es Amar</i>	91
Rosalía	93
Com Antonio Machado em Segóvia.....	97
Lembrança de Lorca para Pepe Montes	99
Com Ángel Crespo, por Vários Caminhos.....	105
Rilke e Mariana Alcoforado: Algumas Notícias.....	111
É Preciso que o Pássaro Cante.....	117

Adeus a Manuel Ribeiro de Pavia	119
Resende entre a Angústia e a Esperança	123
No Jardim de Rikiú.....	133
<i>Ribeira Negra</i>	135
Lanhas, o Mais Desirmanado	141
Tudo É Só Um Puro Dizer no Tempo	147
<i>Post Scriptum</i> sobre a Alegria	149
Uma Grande, Imensa Fidelidade	151
«E o Pastor, de Alentejo Era...».....	155
Assim Pode Nascer a Alegria.....	159
Doutra Maneira	161
Com Dario Gonçalves pelas Ruas do Porto	163
Nos 70 Anos de Lopes-Graça	169
A Domingos Peres das Eiras, com umas Violetas	173
Excessivo É Ser Jovem	183
A Única Glória.....	191
Com as Aves, desde Idanha	197